

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM PSICOLOGIA

**ANÁLISE DE CORRESPONDÊNCIA ENTRE COMER E
RELATAR DE CRIANÇAS**

Juliana Soares Dias

GOIÂNIA
2008

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM PSICOLOGIA

**ANÁLISE DE CORRESPONDÊNCIA ENTRE COMER E
RELATAR DE CRIANÇAS**

Juliana Soares Dias

**Dissertação apresentada ao programa de
Mestrado em Psicologia da Universidade
Católica de Goiás, como requisito para
obtenção do título de Mestre em
Psicologia.**

Orientadora: Sonia Maria Mello Neves

GOIÂNIA

2008

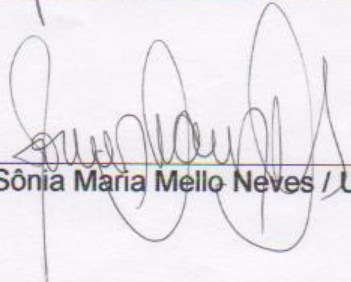


UNIVERSIDADE
Católica
DE GOIÁS

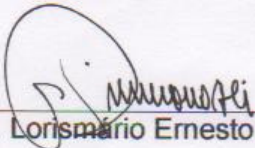
PRÓ-REITORIA DE
PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
Av. Universitária, 1069 • Setor Universitário
Caixa Postal 86 • CEP 74605-010
Goiânia • Goiás • Brasil
Fone: (62) 3227.1071 • Fax: (62) 3227.1073
www.ucg.br • heck@ucg.br

DISSERTAÇÃO DO MESTRADO EM PSICOLOGIA
DEFENDIDA EM 25 DE MARÇO DE 2008 E CONSIDERADA
aprovada PELA BANCA EXAMINADORA:

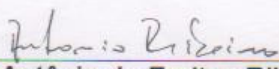
1)


Dr.^a Sônia Maria Mello Neves / UCG (Presidente)

2)


Dr. Lorismário Ernesto Simonassi / UCG (Membro)

3)


Dr. Antônio de Freitas Ribeiro / UNB (Membro Convidado)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus (*YHWH*) pela força, a minha família pela paciência e ajuda prática, à Sonia pelos ensinamentos e paciência.

Agradeço a Agda, Aline, Gabriela, Makerley e Talva por possibilitarem que o experimento fosse realizado e por ensinarem que sozinho somos limitados e podemos sim contar com pessoas interessadas e verdadeiras neste mundo.

Obrigada às crianças, à escola e às famílias que permitiram que o experimento acontecesse.

SUMÁRIO

Folha de Avaliação	iii
Agradecimentos	iv
Sumário.....	v
Resumo	vi
Abstrat	vii
1 . Introdução	08
1.1 – Definição de Obesidade	09
1.2 – Pesquisa sobre Obesidade	10
1.3 – Comportamento Verbal	13
1.4 – Tatos e Mandos	15
1.5– Pesquisas sobre Correspondência entre Comportamento Verbal e não Verbal	16
2. Método	29
2.1– Participantes	29
2.2 – Material e Ambiente Experimental	30
2.3 – Procedimentos	32
- Fase 1 – Linha de Base I.....	34
- Fase 2 – Reforço individual de comer	35
- Fase 3 – Reforço de relato de comer em grupo heterogêneo.....	36
-Fase 4 – Reforço de relato de comer em grupo homogêneo.....	36
-Fase 5 – Reforço de correspondência em grupo.....	37
-Fase 6 – Linha de Base II	37
Resultados	39
Discussão	50
Referências	59
Apêndices	61
Anexo	74

Resumo

A obesidade é um distúrbio que está tomando proporções alarmantes e se caracteriza como uma das principais causas dos problemas de saúde da sociedade moderna. Os elementos causadores da obesidade, de acordo com algumas pesquisas são de apenas 1% causas genéticas e alterações endócrinas, os outros 99% são de causa exógena, ou seja, causas fora do corpo. Muitos pesquisadores consideram a ingestão de grandes quantidades de alimentos como a principal causa da obesidade, mas poucas pesquisas comprovam esta hipótese. Uma das hipóteses levantadas foi a não legitimidade dos auto-relatos. Devido esta dificuldade a correspondência entre o comer e o relatar pode esclarecer mais sobre o tema obesidade. Este estudo tem como objetivo identificar o efeito do reforçamento das verbalizações sobre a acurácia do relato de comer de crianças com IMC acima e adequado para sua idade. Oito crianças participaram deste estudo, quatro acima do peso e quatro com peso adequado para sua idade. Após uma fase de linha de base, todos os participantes mantiveram altos índices de correspondência de capacidade de descrever o próprio comportamento, sendo que as diferenças não foram significativas entre os grupos. No entanto o consumo das crianças apresentaram mudanças significativas.

Abstract

Obesity is a disease that has been taking an alarming proportion and is characterized as one of the main causes of health problems in modern society. According to data research the causing elements of obesity are 1% due to genetic and endocrine variables and the other 99% causes have extrinsic origin. Many researches consider that eating large quantities of food is the main cause of obesity, but few studies confirm this hypothesis. One problem with the data obtained in the studies that disconfirm this hypothesis is consisted of the illegitimacy of self-report. Based on this problem, studies about correspondence between eating and reporting may clarify and help in understanding obesity. This study is aimed to identify how reinforcing reports related to eating behavior (VI) influence accuracy, or lack thereof, with eating, and the number of items consumed (VD), in both obese children and children with normal weight. Eight children participated in this study; four obese children and four with normal weight. After the baseline all participants maintain high correspondence behavior. The difference on correspondence and consuming behavior of the obese and non obese group was not significant. However, the children's consuming behavior was statistically significant, suggesting that verbal manipulation may alter the number of food items consumed.

INTRODUÇÃO

A obesidade é um distúrbio que está tomando proporções alarmantes e se caracteriza como uma das principais causas dos problemas de saúde da sociedade moderna. De acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e do Ministério da Saúde em 1974/1975 e em 1989, a população adulta vem apresentando prevalência de excesso de peso.

Os dados do inquérito nacional (Pesquisa Nacional sobre Saúde e Nutrição, 1989) indicam que cerca de 32% dos adultos brasileiros têm algum grau de excesso de peso. Destes, 6,8 milhões de indivíduos (8%) apresentam obesidade, com predomínio entre as mulheres (70%). A prevalência ainda se acentua com a idade, atingindo um valor maior na faixa etária entre 45 e 54 anos, 37% entre homens e 55% entre mulheres. (Coitinho DC e cols., 1991).

A obesidade também está afetando crianças e adolescentes. De acordo com a OMS (Organização Mundial de Saúde, 1993), 25% das crianças e adolescentes brasileiros estão acima do peso para sua idade (Souza e cols., 2003). Uma pesquisa, realizada no Brasil com o objetivo de observar o aumento da obesidade infantil, indicou que a obesidade está presente nas diferentes classes econômicas. (de Mello e cols., 2004).

Taddei (2002, apud de Mello e cols., 2004) analisou dois inquéritos sobre mudanças relevantes na prevalência de obesidade entre crianças e adolescentes. Estes inquéritos, que tiveram sete anos de duração (1989 a 1996) e foram realizados em diferentes regiões e países, levaram à conclusão de que houve um aumento da prevalência de obesidade nas regiões menos desenvolvidas economicamente.

Os dados acima destacam que a obesidade está presente tanto nos países desenvolvidos como nos países subdesenvolvidos. No Brasil, especialmente por se tratar de um país em desenvolvimento, esta doença também necessita de atenção especial, pois ela não faz discriminação de classe social, além de possuir diferentes tipos de classificação e complexa etiologia, o que dificulta a eficácia do tratamento.

1.1 – Definição de Obesidade

Uma das definições da obesidade mais respeitadas é a da OMS (1993) por meio da Classificação Internacional das Doenças (CID-10), que descreve a obesidade como doença endócrina, nutricional e metabólica (E66). A obesidade pode ainda ser definida como excesso de tecido adiposo no organismo (Vecchia, 2002; Damiani, 2002), ou como uma desordem, ou doença metabólica caracterizada pelo aumento de peso corporal em relação à média de peso para a altura (Arruda, 2003).

Vecchia (2002), ao destacar aspectos clínicos da obesidade, destacou que a obesidade pode ser de dois tipos: Hiperplásica (distribuição de gordura tanto periférica quanto central, ocorrendo aumento no número e no tamanho das células adiposas); e Hipertrófica (quando a distribuição da gordura é central). A Hiperplásica, que normalmente inicia-se na infância ou na adolescência, é a mais difícil de ser tratada.

A OMS utiliza uma tabela com o objetivo de classificar as pessoas segundo a quantidade de gordura, tendo como base o cálculo do Índice da Massa Corpórea (IMC). Esta medida, embora não seja a única, é a mais utilizada para classificar a obesidade tanto em adulto quanto em criança.

Como já observado, o peso é o indicador mais simples da adiposidade. Em crianças e adolescentes, devido ao momento do desenvolvimento, torna-se necessário a avaliação do emagrecimento por meio de uma perda de peso relativa, levando em consideração o aumento da altura e a variação do peso (Halpern & Rodrigues, 2006).

De acordo com a tabela apresentada por Halpern e Rodrigues (2006), é recomendado à criança e ao adolescente o IMC abaixo do percentil 85, embora não existam estudos conclusivos quanto a este dado. Para a classificação de criança e adolescente quanto à obesidade, primeiro calcula-se o IMC com a seguinte equação: $\text{peso}/(\text{altura})^2$. Com base neste número, utilizando a tabela dos IMC por idade, procura-se o ponto de encontro entre o IMC e a idade. Se o ponto de encontro ocorrer na área acima do percentil 95, é classificado como Obesidade; entre 85 e 95, recebe a classificação de sobrepeso; e abaixo de 85, é classificado com peso normal (Halpern & Rodrigues, 2006).

1.2 - Pesquisas sobre Obesidade

Estudos mostram que cerca de 80% da obesidade com início na infância perdura até a vida adulta (Souza e cols, 2004). Assim, obesidade infantil se torna ainda mais preocupante pela alta probabilidade de duração da obesidade e seus problemas na vida adulta. Vecchia (2002), por meio da análise de algumas pesquisas, descreve que a probabilidade de ocorrência da obesidade é duas vezes maior em familiares de indivíduos obesos. A probabilidade de ocorrência da obesidade aumenta para oito vezes nas famílias de pessoas obesas mórbidas. E ainda foi observado que a prevalência de

sobrepeso nos pais pode determinar o sobrepeso nos filhos de acordo com as seguintes porcentagens: 54% nas mães, 36% nos pais, e com relação aos irmãos, a porcentagem é de 57%.

As principais causas da obesidade de acordo com Vecchia (2002) são: a ingestão de muitas calorias, a baixa frequência de exercícios e o metabolismo basal. As alterações endócrinas como hipotireoidismo e hiperadrenocorticismo, além de fatores genéticos, são comumente levantados como fatores contribuintes.

Contudo, estes elementos causam apenas 1% da obesidade na população. Os outros 99% são de causa exógena, ou seja, causas fora do corpo (Vecchia, 2002; Souza e cols., 2003). A OMS (1993) classificou a obesidade como um problema de saúde em escala mundial; no entanto, pouco ainda se sabe sobre sua gênese, devido ao aspecto multifatorial, tais como genéticos, metabólicos, neuroendócrinos, sociais, familiares e psicológicos (Ades & Kerbauy, 2002; Arruda, 2003; Damiani, 2002; Dobrow, 2002).

Dyer (1994) relata a existência de ampla evidência que comprova que o fácil acesso associado ao aumento na variedade de alimentos gerou grande aumento nos índices de obesidade em vários países. No entanto, existem ainda controvérsias quanto a se os indivíduos obesos consomem realmente mais calorias que os não obesos.

Profissionais da área de saúde e o público em geral acreditam que as pessoas se tornam obesas através do consumo de grandes quantidades de alimentos, mas existe pouca evidência científica para tal afirmação. Isso talvez ocorra devido a um problema na descrição do comportamento de comer.

De fato, vários estudos, empregando diferentes técnicas de inquérito alimentar, indicam a subestimação nos relatos de consumo, tanto em homens quanto em mulheres

adultas (Salvo e Gimeno, 2002; Drummond, 1998). Este comportamento também está presente em adolescentes (Andrade et al., 2003). Mas, a subestimação é encontrada especialmente entre indivíduos obesos e, principalmente, entre mulheres (Drummond, 1998).

Estudos realizados por Bandini et al (apud Dyer, 1994) também mostraram que o consumo calórico foi subestimado por 20% dos não obesos e por 45% dos obesos. Em outro estudo deste mesmo autor, com um grupo de obesos submetidos a uma dieta de restrição calórica, os 74% do consumo calórico subestimado e 51% dos exercícios superestimados parecem explicar o fracasso na perda de peso.

Dyer (1994) conclui também que os resultados obtidos em estudos que utilizam somente auto-relato verbal não são fidedignos. O auto-relato vem sendo um método não confiável tanto para as pessoas obesas como para as não obesas (Schoeller, 1990, apud Dyer,1994), mas, especificamente, para os obesos quando se trata de consumo alimentar.

Os dados mencionados acima sugerem que o relato verbal está sob controle de outras variáveis que não a quantidade e o tipo de alimento consumido. Apesar dessas constatações, o relato verbal é uma das fontes de dados mais amplamente utilizadas na Psicologia, Medicina, e outras ciências que lidam com o homem, constituindo a base de entrevistas clínicas, levantamentos, avaliações padronizadas, entrevistas pré-experimentais etc. Em muitas situações, o pesquisador ou os profissionais de saúde dependem de relatos verbais dos pacientes a respeito de seus comportamentos, visto que a observação direta, embora seja possível em tese, costuma ser impossível na prática (de Rose, 1997).

Tendo como base que o relato verbal é, além de uma fonte de dados, uma forma de comportamento, e justamente pela sua crucial importância como fonte de dados, o comportamento verbal tanto de adultos como de crianças vem sendo amplamente estudado por vários profissionais interessados no comportamento humano (Baer e cols., 1987; Beckert, 2005, 2002; Catania e cols., 1982; Loovas, 1964; Paniagua e cols., 1982; Ribeiro, 1989).

1.3 – Comportamento Verbal

Skinner (1978) definiu comportamento verbal como um operante que é desenvolvido e mantido por reforçamento mediado por outra pessoa, o ouvinte. Já o comportamento não verbal (i.e. comer) modifica o meio através de uma ação mecânica direta e suas propriedades relacionam-se diretamente com os efeitos que produz. De acordo com a concepção da Análise do Comportamento, relatar é um comportamento verbal. Este comportamento verbal é emitido por um falante supostamente sob controle de um estado de coisas públicas e/ou privadas que funcionam como estímulos discriminativos aos quais o ouvinte muitas vezes não tem acesso. As variáveis do controle de estímulos afetam a precisão do controle exercido pelas propriedades de estímulos.

Segundo de Rose (1997), a descrição destas contingências nem sempre são eficientes, justamente porque a comunidade verbal não tem acesso ao estado de coisas privadas que deveria exercer controle sobre o relato verbal. Não tendo acesso, a

comunidade verbal fica limitada para oferecer reforço diferencial para estabelecer a correspondência entre o relato e a situação estimuladora.

O comportamento privado é considerado por Skinner (1994) como um comportamento que ocorre debaixo da pele, não possui propriedades especiais e distintas dos eventos que ocorrem no mundo externo. Tourinho (1994) descreve que parte do que é interno é inacessível à observação pública. Sendo assim, as discriminações que o indivíduo pode fazer a respeito de seu mundo privado são tipicamente menos precisas do que as que ele pode desenvolver sobre o mundo externo.

O autoconhecimento está relacionado com dois tipos de repertório que precisam ser estabelecidos socialmente – um repertório de auto-observação, observação do seu próprio comportamento, bem como das condições em que o comportamento ocorre e das conseqüências que produz (Beckert, 2002; Skinner, 1978).

Beckert (2002) declara que o autocontrole e o auto-conhecimento são aspectos interligados, mas não um dependente do outro. Ribeiro (1989) concorda com esta relação dos termos e propôs até uma definição. Quando se fala em auto-conhecimento, isso indica que o indivíduo precisa ter a habilidade de descrever o que fez. Já a característica de pré-dizer o que vai fazer e realmente realizar é denominado por ele de autocontrole.

As relações entre o comportamento verbal (i.e. relato verbal de hábitos alimentares) e não verbal (i.e. comer) podem ser estudadas através de metodologias analítico-comportamentais propostas por uma área de estudos denominada de correspondência : Dizer – Fazer, Fazer – Dizer (Beckert, 2002).

De acordo com Ribeiro (1989), duas classes de respostas verbais são relevantes no estudo de correspondências: Tatos e mandos.

1.4 –Tatos e Mandos

Skinner (1957) define mando como o operante verbal que é reforçado por conseqüências específicas. O tato é definido como operante verbal que é evocado por um objeto particular, parte de um objeto ou por um evento. A categoria do comportamento verbal de tatear sugere um comportamento que contata com o físico. É a resposta evocada ou fortalecida por um objeto ou evento particular, que são sempre da natureza não verbal. É a descrição de aspectos não verbais, de contingências. (Oliveira, 2001)

A diferença entre estes dois importantes operantes verbais é que enquanto o tato esta sob controle de um estímulo antecedente específico, o mando não sofre esta influência. Outra diferença é que o tato não especifica o reforço, como o mando faz (Ribeiro, 1989).

Ribeiro (1989) destaca em seu estudo que, embora definições sejam bem claras, estes termos podem ser facilmente confundidos no dia a dia. Quando uma criança, após perder uma caneta, verbaliza “perdi a caneta”, esta verbalização pode ter a função de Tato, por descrever o evento que aconteceu, ou pode ter função de Mando, por ter valor semelhante a verbalizações como “quero outra caneta”.

O tópico seguinte analisará pesquisas sobre correspondência, que focaliza o comportamento de comer, de relatar e o procedimento de Ribeiro para estudar correspondência verbal e não verbal.

1.5 - Pesquisas sobre Correspondência entre Comportamento Verbal e não Verbal

Ribeiro (1989) e Herruzo & Luciano (1994) esclarecem que a correspondência entre comportamento verbal e não verbal consiste na coerência ou coincidência entre o que o sujeito diz e o que ele faz (correspondência dizer-fazer) ou entre o que ele faz e posteriormente diz que faz (correspondência fazer-dizer).

Estas definições são importantes, visto que estes termos (dizer / fazer) exercem influências mútuas. De acordo com Catania et al (1982) e Beckert (2005), mudanças no comportamento verbal podem conduzir a mudanças no comportamento não verbal correspondente e vice-versa.

Os estudos das relações dizer-fazer e fazer-dizer são relevantes principalmente porque a medida do comportamento verbal leva em consideração a relação existente no episódio verbal entre o falante e o ouvinte. Desta forma, a natureza funcional da medida deixa de ser puramente a emissão de comportamentos verbais e passa a ser a relação de dependência entre o que se faz e o que se diz ou o que se diz e o que se faz. Portanto, achados a respeito do relato verbal sobre os hábitos alimentares e a correspondência destes com o comportamento não verbal, o comer, têm importantes implicações práticas e teóricas.

O ato de comer, além da necessidade, é também mantido ou modificado pela consequência. O reforço deste comportamento está relacionado com o bem estar, com a

necessidade de atenção e até com a união familiar. Outros aspectos que contribuem para reforçar a alimentação é a cultura relacionada à boa alimentação com saúde (Sousa e cols., 2003).

De acordo com Skinner (1978), o comportamento que é mantido ou modificado por suas conseqüências é denominado de comportamento operante. Ele opera sobre o ambiente e gera conseqüências que aumentam ou diminuem a probabilidade de o comportamento ocorrer no futuro. O comportamento operante pode ser alterado ou mantido e para que esses processos aconteçam é necessário organizar contingências com estes objetivos. O processo de extinção tem como objetivo a eliminação do comportamento operante. Para atingir este objetivo é utilizada a retirada do reforço relacionado com o comportamento alvo de mudança (Skinner, 1978).

No comportamento de comer, a extinção não pode ocorrer, pois comer é um comportamento necessário para a sobrevivência. Este aspecto é um dos muitos fatores que dificultam o tratamento das pessoas obesas. Como uma tentativa de tratamento ou controle do comportamento de comer, é comum a utilização do termo 'autocontrole'. Para a Análise do Comportamento, este termo utilizado cotidianamente tem significado complexo.

B. F. Skinner, procurando especificar as interações entre comportamento e as contingências ambientais que devem ser analisadas, dedicou um capítulo inteiro do livro *Ciência e Comportamento Humano* (1978) à análise de comportamentos relacionados ao autocontrole. De acordo com Skinner:

“Com frequência, o indivíduo passa a controlar parte de seu próprio comportamento quando uma resposta tem conseqüências que provocam conflitos – quando leva tanto a reforçamento positivo quanto a negativo”. (1978, p. 223).

A ingestão de alimentos em grande quantidade parece muitas vezes ser seguida por uma sensação de prazer, tanto por estar saciando uma necessidade fisiológica como por, muitas vezes, provocar um esquecimento de alguns problemas, chegando até à sensação de redução da ansiedade (Dobrow, 2002). Contudo, estes comportamentos também proporcionam outras conseqüências, como o aumento de peso, que acarreta muitas doenças. Desta forma, surge o conflito provocado pelas conseqüências, tornando necessário o autocontrole (Dobrow, 2002; Vecchia, 2002).

A correspondência entre o dizer e o fazer não é estabelecida automaticamente. Exige ação e atuação dos pais, professores e entidades como religião, escola, dentre outros. Muitas pesquisas já foram realizadas com o objetivo de controle verbal através do treino de correspondência entre o que se diz e o que se faz (Hayes e cols., 1986; Paniagua & Baer, 1982; Ribeiro, 1989; Risley & Hart, 1968).

A pesquisa realizada por Lovaas (1964) foi uma das pioneiras no que se refere ao estudo de correspondência e o comportamento de alimentar. Nesta pesquisa, foram oferecidos quatro tipos de alimento que já eram comuns às crianças. O estudo teve a participação de crianças do berçário da cidade de Washington, EUA, que aleatoriamente foram escolhidas para as sessões de condicionamento verbal. Este estudo foi dividido em duas partes que foram denominadas de Experimento I e Experimento II.

Antes do início do experimento, devido ao fato de as crianças não saberem o nome dos alimentos utilizados nos experimentos, foi necessário treinar a nomeação dos

alimentos. Durante duas semanas, quando as crianças estavam sentadas com as bandejas e prontas para a alimentação, o pesquisador pedia para repetir depois dele os nomes dos diversos alimentos.

Para o Experimento I, foram escolhidas aleatoriamente três crianças para ir para a sala de brincar. A sala de brincar tinha somente um boneco, que fazia parte do experimento. Este boneco foi desenvolvido por Baer (1962) para estudar reforços sociais. O boneco era um fantoche cowboy, sentado num boi, capaz de executar ações básicas como olhar e ignorar a criança, falar, acender e apagar uma luz nele próprio e liberar pequenos reforços (bugigangas). Todas estas habilidades eram controladas pelo experimentador, que ficava oculto numa sala de espelho.

A criança era colocada em frente ao boneco de pelúcia. A luz do boneco era acesa e começava uma conversa entre este e a criança. A conversa girava em torno de assuntos do interesse da criança. A sessão com o boneco durava 15 minutos. No final da sessão, a criança era levada de volta ao seu grupo escolar.

Após o lanche, o bicho de pelúcia perguntava para a criança que alimentos estavam disponíveis para ela naquele dia. Além de falar o nome da comida, a criança precisava também movimentar a mão do animal enquanto falava o nome da comida. Quando a criança falava o nome do alimento previamente escolhido pelos experimentadores para ser reforçado, ela recebia bugigangas que saíam da mão do boneco, que ainda oferecia reforço verbal. Esta operação foi realizada 15 vezes durante a conversa entre o boneco e a criança.

Outra resposta tinha sido programada para ser reforçada neste experimento. A criança tinha que falar o nome de um alimento específico e pré-determinado sempre que a luz do boneco de pelúcia apagasse. Ao realizar esta tarefa, era também liberado reforços para a criança (tanto bugigangas, quanto um reforço verbal). Este tipo de reforçamento foi realizado 8 vezes, intercalado com a primeira operação e outros assuntos da conversa entre o animal de pelúcia e a criança.

Os resultados do Experimento I foram importantíssimos, pois sugerem que o consumo de um determinado alimento durante a hora do lanche aumentava quando seu nome era o escolhido para ser reforçado no momento do condicionamento verbal (quando a luz do boneco apagasse). Dados indicam que a ingestão alimentar pode ser controlada por meio da manipulação verbal do comportamento da criança em relação aos alimentos. Ou seja, se a criança precisasse falar “cenoura” para a luz do animal acender, o consumo de cenoura desta criança aumentava.

O Experimento II teve a participação de sete crianças que foram selecionadas também aleatoriamente. Havia quatro tipos de alimentos, sendo que uma das classes de alimentos era muito consumido pelas crianças (proteínas). As condições experimentais eram as mesmas do primeiro experimento. O que difere entre estes dois experimentos é que um dos alimentos foi substituído por outro alimento com alto teor de proteína.

Confirmou-se com este Experimento II a conclusão do primeiro. O reforço positivo da resposta verbal ligada à comida aumenta o consumo do alimento em questão, mesmo sendo o alimento alvo do reforço o menos escolhido antes do procedimento.

Outro estudo importante sobre correspondência e comportamento de comer foi realizado por Baer e cols. (1987). Esta pesquisa visava investigar o efeito do reforço

intermitente na manutenção da correspondência entre comportamento verbal e não verbal. A pesquisa teve a participação de três crianças com idade entre 4 anos e meio a 5 anos e meio, que não apresentavam problemas de desenvolvimento nem de comportamento.

Para a realização deste experimento foram escolhidos 4 tipos diferentes de alimento a cada sessão, com base no lanche disponibilizado por esta instituição, sendo 2 alimentos saudáveis (frutas e verduras) e dois alimentos não saudáveis (biscoitos e bolachas). A criança escolhia dentre os quatro os que iria lanche e o observador registrava a escolha.

Todos os dias a criança tinha que falar o que ela iria comer. O procedimento era realizado todos os dias no horário do lanche da creche. Neste momento, eram exibidas fotos dos alimentos disponíveis naquele dia. Depois disso, a criança ia para a sala de lanche.

Na sala de lanche, a criança tinha de escolher entre as quatro opções o que gostaria de comer e sentar-se à mesa. Esta etapa era realizada individualmente para que nenhuma criança fosse influenciada pela escolha de outra criança. O observador registrava as escolhas da criança. Depois deste momento de lanche, a criança conversava com o experimentador sobre o que escolheu para seu lanche.

O reforço que foi utilizado neste estudo foram cartões com diferentes palavras escritas tais como: abraço, cócegas etc. Os reforços eram entregues de acordo com as condições do procedimento.

Eram cinco condições experimentais:

1) *Linha de Base*: Logo no início do experimento, a criança tinha que escolher cartões de conseqüência dentro de uma bolsa. Depois, escolher apontando as fotos dos alimentos que iria comer e, então, entrava na sala de alimentação. A criança não recebia nenhuma conseqüência após a alimentação.

2) *Reforço da Verbalização*: A criança prometia que iria escolher comida saudável, escolhia um cartão na bolsa e entrava na sala de comer. Nesta fase também não havia conseqüência depois da alimentação.

3) *Reforço de correspondência*: A criança logo no início da sessão indicava qual alimento iria comer e, se ela escolhesse alimentos saudáveis, como havia prometido no início desta fase, receberia reforço, ou seja, teria acesso à bolsa com cartões com as conseqüências. Se a criança não escolhesse alimento saudável, seria explicado a ela que não teria acesso à bolsa porque ela havia prometido algo e não cumprido.

4) *Conseqüências intermitentes de correspondência*: A criança, após escolher os alimentos que iria comer, entrava para a sala de alimentação. A liberação do reforço era semelhante à fase anterior, mas a freqüência do reforçamento era diferente, pois era oferecido de forma randômica. O reforço não era disponibilizado sempre que a promessa era cumprida, como na fase anterior. Em 67 % das correspondências o reforço era disponibilizado.

5) *Verbalização*: Não havia o reforço após a alimentação, mas a criança continuava prometendo que iria comer comidas saudáveis antes do período de alimentação e, depois disso, se alimentava. Nesta fase, observava-se a manutenção da correspondência entre o comportamento verbal e não verbal.

O resultado deste estudo revelou que, na Linha de Base, a taxa de escolha dos alimentos saudáveis e nutritivos foi de baixa a moderada. Na fase de reforço à verbalização, as respostas foram variadas. Houve participante que não apresentou mudança no padrão de resposta, outro diminuiu a escolha de alimentos nutritivos e outro apresentou um leve aumento na escolha de alimentos nutritivos. Na fase de reforço pela correspondência, a frequência das escolhas do alimento saudável aumentou consideravelmente. Na fase de reforço intermitente a correspondência, a frequência das escolhas pelo alimento saudável se manteve no controle, não voltando ao índice da Linha de Base. Já na última fase, a da verbalização, a escolha de alimentos nutritivos diminuiu após alguns dias.

Os dados obtidos nestes dois estudos sugerem que a análise da correspondência entre o comportamento verbal e o não verbal, sendo o comer o comportamento não verbal, pode ter implicações práticas relevantes. No entanto, poucas pesquisas têm sido realizadas nesta área de conhecimento, principalmente tratando-se de investigações com este enfoque metodológico.

O procedimento utilizado por Ribeiro (1989) buscou analisar as diversas contingências envolvidas no treino de correspondência utilizando o comportamento de brincar. Neste estudo, o autor se preocupou com outros aspectos além do já freqüente estudado efeito do comportamento verbal (relato) sobre o comportamento não verbal (brincar). Preocupava-se com outras variáveis que poderiam estar relacionadas neste treino.

Os aspectos observados no procedimento proposto por Ribeiro (1989) foram as diferentes funções adquiridas pelo comportamento verbal e a influência das variadas

conseqüências nos procedimentos utilizados para o treino de correspondência. De acordo com este objetivo, o estudo contou com a participação de oito crianças entre 3 e 5 anos de idade. Foram utilizadas duas salas, sendo uma para brincar e outra para relatar. As oito crianças brincavam com até três brinquedos escolhidos dentre um conjunto de seis e, em seguida, relatavam ao experimentador se eles haviam brincado com cada um dos brinquedos.

Após uma linha de base em que todas as crianças mostravam altos níveis de correspondência entre o comportamento e o seu relato, o comportamento de relatar ter brincado foi diferencialmente reforçado, primeiro individualmente e depois em grupo.

A criança era trazida à sala de brinquedo, onde poderia brincar com o que quisesse. Tinha que brincar com um brinquedo por vez pelo tempo que quisesse ou até o experimentador avisar. Após o tempo de brincar, a criança ia para a sala de relatar. Nesta sala, a criança tinha de dizer com quais brinquedos tinha brincado. O reforço oferecido às crianças eram fichas que podiam ser trocadas por guloseimas depois da sessão. As fichas eram dadas para as crianças na sala de relatar.

As fases deste experimento foram:

1) *Linha de base*: Após ouvir a criança sobre qual brinquedo tinha utilizado, agradecia a participação e dava à criança uma ficha, que podia ser trocada por guloseimas.

2) *Reforçamento individual do relato de brincar*: Se a criança dissesse que brincou, recebia aprovação e uma ficha. Se a criança dissesse que não brincou, não era oferecido nenhuma conseqüência.

3) *Reforçamento do comportamento de relatar em grupo:* As crianças eram agrupadas de quatro em quatro nesta fase. O reforço era oferecido sob a mesma contingência da fase anterior. Se a criança dissesse que brincou, recebia aprovação e uma ficha. Se a criança dissesse que não brincou, não era oferecida nenhuma consequência.

4) *Reforçamento de correspondência em grupo:* O experimentador reforçava as respostas verbais correspondentes ao comportamento de brincar.

5) *Reforçamento não-contingente:* Nesta sessão, a ficha e a troca pela guloseima já tinha sido feita quando a criança ia relatar os brinquedos com os quais brincou.

Os resultados encontrados mostraram alto grau de correspondência na linha de base. As respostas variavam muito na fase de reforço individual do relato de brincar. Interessante foi que nesta fase duas crianças relataram ter brincado com seis dos brinquedos, sendo que podiam brincar com no máximo três, total este definido pelo experimentador para todas as fases experimentais.

Na fase em grupo, onde o reforço era dado para o relato de brincar, cinco crianças relataram brincar com todos os seis brinquedos e apenas três crianças mantiveram a correspondência. Na fase em que a correspondência era reforçada, a correspondência voltou a ter alta frequência e esta se manteve na condição de reforço não contingente.

Este procedimento destacou então que o comportamento verbal teve função de tato e mando e que algumas condições contribuíram para a distorção da correspondência do auto-relato. Sugere também que conceitos como tato, mandos, comportamento

governado por regras e modelados pelas conseqüências fortalecem a análise comportamental da correspondência no auto-relato.

O ato de falar a verdade traz conseqüências variadas, tornando assim um comportamento complexo e exigindo mais pesquisas sobre o tema. A pesquisa de Ribeiro (1989) é interessante por que não buscava treinar a correspondência, mas observar as contingências envolvidas neste treino, ou seja, o relato das crianças sobre a atividade recente em diferentes situações – sozinho e em grupo.

A proposta do presente estudo é replicar o experimento feito por Ribeiro (1989), contudo, utilizando alimentos. Este método foi escolhido por não visar o treino de correspondência entre comportamento verbal e não verbal e priorizar a observação das contingências e dos comportamentos relacionados com o comer durante o procedimento utilizado com freqüência no treino de correspondência.

Esta investigação possibilita a percepção do impacto do procedimento utilizado para treino de correspondência no comportamento de relatar, sendo que estudos com este enfoque são raros em nossa literatura. Este estudo se torna ainda mais importante quando relacionado com as atuais questões levantadas sobre as suspeitas de incoerências entre os relatos e as ações das pessoas com peso acima da média, como exposto anteriormente.

O presente trabalho tem como objetivo identificar o efeito do reforçamento das verbalizações relativas ao comportamento de comer, sendo estas as variáveis independentes (VI) e a sua conseqüente acurácia ou não com o comportamento não verbal de comer em crianças com IMC acima ou adequado para sua idade, bem como o consumo como variáveis dependentes (VD).

Considerando que serão observados diferentes efeitos do reforçamento em indivíduos, em condições diferentes, foram distinguidos quatro objetivos específicos. O primeiro é identificar o efeito do reforçamento das verbalizações afirmativas (i.e. ingerir) relacionadas com o comportamento de comer independente da correspondência com o comportamento não verbal de comer, em crianças com IMC acima ou adequado para sua idade, sendo este relato obtido individualmente. Assim, a VI era o relato afirmativo da ingestão sendo a pergunta realizada individualmente e as VD, era a acurácia ou não do comportamento verbal e não verbal e o consumo

O segundo objetivo estabelecido é identificar o efeito do reforçamento das verbalizações afirmativas relacionadas com o comportamento de comer independente da correspondência com o comportamento não verbal de comer, em crianças com IMC acima ou adequado para sua idade, sendo este relato obtido em grupo heterogêneo (composto por crianças com IMC acima ou adequado para sua idade). Desta forma, a VI era o relato afirmativo da ingestão em grupo heterogêneo e as VD, a acurácia ou não do comportamento verbal e não verbal e o consumo.

A tarefa de identificar o efeito do reforçamento das verbalizações afirmativas relacionadas com o comportamento de comer independente de correspondência com o comportamento não verbal de comer, em crianças com IMC acima ou adequado para sua idade, sendo este relato obtido em grupo homogêneo (composto por criança com IMC semelhante), constitui o terceiro objetivo específico. A VI foio relato afirmativo do comportamento de comer em grupo homogêneo, e as VD a acurácia ou não do comportamento verbal e não verbal, além do consumo.

O quarto objetivo específico deste trabalho envolve a identificação do efeito do reforçamento das verbalizações correspondentes relacionadas com o comportamento de comer e com o comportamento não verbal de comer, em crianças com IMC acima ou adequado para sua idade, sendo este relato obtido em grupo heterogêneo. Nesta situação, a VI era o relato correspondente em grupo heterogêneo e as VD, a acurácia ou não do comportamento verbal e não verbal, e o consumo.

MÉTODO

2.1 - Participantes

Participaram desta pesquisa oito crianças de ambos os sexos, com idades variando entre sete e onze anos, sendo quatro crianças com peso adequado para sua idade e quatro com peso acima da média para sua idade (Halpern; Rodrigues, 2006), cursando entre o segundo ano e o quinto ano do Ensino Fundamental (Tabela 1).

Tabela 1 – Sexo, idade, estatura, peso, IMC e Classificação do Peso dos participantes ao início do estudo.

Participantes	Sexo	Idade	Estatura	Peso	IMC	Classificação Peso
1 A	Feminino	08	1,46	57	26,76	Obesidade
2 A	Feminino	11	1,49	59	26,57	Obesidade
3 A	Masculino	07	1,40	50	25,51	Obesidade
4 A	Masculino	09	1,46	57	26,76	Obesidade
1 B	Feminino	07	1,27	20	12,42	Peso normal
2 B	Masculino	10	1,46	32	15,02	Peso normal
3 B	Feminino	08	1,30	22	13,01	Peso normal
4 B	Masculino	09	1,35	32	17,58	Peso normal

As crianças deste experimento estudavam em uma escola da rede estadual de ensino de Goiânia e foram autorizadas a participar deste estudo através de um consentimento por escrito dos pais (Apêndice I e II).

As crianças foram indicadas pelas Coordenadoras da escola e, antes do início do experimento, todas as crianças foram pesadas para serem agrupadas de acordo com o peso. O grupo A é composto por crianças obesas e o B se compõe

de crianças com peso adequado para a idade. Para identificação dos sujeitos, foi-lhes designado um número acompanhado da letra referente a cada grupo (vide Tabela 1).

2.2 - Material e Ambiente Experimental

As sessões aconteceram nas salas da escola da rede estadual de educação em que as crianças estudavam. Embora fossem realizadas no horário das aulas, os alunos não ficavam prejudicados, pois cada aluno ficava em média apenas 15 minutos fora da sala e os respectivos professores se comprometeram em repassar as atividades para estes alunos. As sessões foram realizadas cinco vezes por semana, ou seja, uma vez por dia durante trinta e oito dias, no turno vespertino, nos meses de agosto a outubro de 2007.

As sessões eram conduzidas pelo experimentador e contavam com a colaboração de auxiliares para o registro dos alimentos consumidos. Sempre que possível, as sessões eram filmadas com objetivo de garantir a fidelidade dos dados no experimento.

Para registrar as informações, foram utilizadas duas folhas de registros para cada sessão e para cada participante, com a finalidade de facilitar e agilizar o registro do consumo de alimentos de cada criança em cada fase experimental (apêndice III e IV). Uma das folhas de registro ficava com o experimentador para registrar a resposta da criança e a outra ficava com a auxiliar da pesquisa para registrar os alimentos que tinham sido consumidos por cada criança.

Foram utilizadas duas salas, sendo uma para o período de alimentação e outra para o relato. Contudo, é importante ressaltar que em algumas sessões não foi possível realizar cada fase em salas diferentes, devido às atividades planejadas pela escola. Nestes casos, as perguntas foram realizadas no fim do corredor, próximo da sala de

alimentação e apenas com a presença do experimentador e da(s) criança(s) participante(s) do experimento.

Na sala de alimentação, havia oito mesas de 60x70 centímetros, ajuntadas para colocar os alimentos. Havia também cadeiras disponíveis caso a criança quisesse se sentar durante este período. Nesta sala, tinha também uma filmadora que ficava ocultada da percepção da criança.

No período de alimentação, foram colocadas à disposição dos participantes três variedades de cinco categorias de alimentos: laticínios, doces, salgados, frutas e bebidas (Tabela 2).

Laticínios	Doces	Salgados	Bebidas	Frutas
Leite	Bombom (Sonho de valsa)	Pizza	Água	Salada de frutas
Todinho	Cocada	Salgado (empada)	Guaraná (normal)	Abacaxi
Yakult	Sorvete de Chocolate	Salgado (coxinha)	Guaraná (<i>light</i>)	Maçã
Iogurte pastoso	Sorvete de creme	Salgado (quibe)	Fanta	Banana
Polenguinho	Cristalizado (figo)	Skinny (batatinha)	Coca-cola (normal)	Mamão
Iogurte líquido	Cristalizado (goiaba)	Skinny (fandangos)	Coca-cola (<i>light</i>)	Uva
Queijo	Brigadeiro	Pães (pão francês com manteiga)	Suco (laranja)	Manga

Leite com café	Doce de leite	Misto quente	Suco (uva)	Pêra
Coalhada	Pé moleque	Cachorro-quente	Suco (maracujá)	Melancia

Tabela 2 – Lista geral de alimentos disponíveis para as crianças durante o experimento.

Foram utilizados reforços sociais (i.e, balanço de cabeça, “muito bem”, “ótimo”, “isto mesmo”, “muito bom”, etc.), além de brinquedos, comestíveis e adesivos. Os primeiros brindes foram escolhidos aleatoriamente e depois foram repostos de acordo com as preferências das crianças.

Ao final de cada sessão, as crianças recebiam fichas que poderiam ser trocadas por estes brindes que estavam em uma caixa ou sacola. Quanto mais fichas tivessem, mais brindes poderiam ganhar.

Na sala de relatar, havia seis cadeiras e uma mesa de 60x70 centímetros para auxiliar no momento de anotar as informações dos relatos das crianças. Foram apresentadas fotos dos alimentos durante a fase em que as crianças relataram sobre o comportamento de comer. Utilizaram-se também objetos como balança, fita métrica, câmera de vídeo, tripé, fitas de vídeo, lápis, papel, fichas redondas e coloridas e os alimentos, dispostos em copos e pratos descartáveis. Todos os dados foram lançados em um computador, com impressora HP.

2.3 – Procedimento

Este estudo consistiu em dois períodos, o de alimentar e o de relatar. Sendo assim, o procedimento em questão é o de Fazer-Dizer. No primeiro período, o de alimentar, as

crianças eram trazidas pelo experimentador das salas de aula para a sala onde os alimentos eram colocados sobre as oito mesas (colocadas juntas) de fácil acesso para a criança. A instrução oferecida para as crianças era: “Você poderá comer o que quiser e poderá sair quando quiser, ou até eu dizer para parar e te chamar”. O período de comer terminava, no mais tardar, ao final de 10 minutos.

Foi recomendado aos participantes que ficassem privados de alimentos por duas horas, ou seja, ao chegarem à escola, não comiam nada até o momento do experimento. Contudo, não há garantias de que as crianças seguiam esta regra.

No período de relatar, era solicitado a criança que entrasse na sala de relato sozinha ou acompanhada, de acordo com a fase do experimento. O experimentador mostrava as quinze fotos dos alimentos, uma por uma e perguntava à criança se comeu o alimento mostrado. A liberação dos reforços era modificada de acordo com as fases experimentais. As cinco fases experimentais foram introduzidas na seqüência apresentada na Tabela 3.

Tabela 3 – Ordem das Fases do Experimento a que todos os participantes foram submetidos.

Fase	Descrição da Contingência da Liberação do Reforço	Condição da sessão de Verbalização
1 – Linha de Base I	Reforço não contingente à verbalização nem ao comportamento	Individual
2 – Reforço individual de comer	Reforço contingente à fala: “Ingeri”	Individual
3 – Reforço do relato de comer em grupo heterogêneo	Reforço contingente à fala: “Ingeri”.	Grupo Heterogêneo (classe IMC diferentes)

4 – Reforço do relato de comer em grupo homogêneo	Reforço contingente à fala: “Ingeri”.	Grupo Homogêneo (classe de IMC igual)
5 – Reforço de Correspondência em Grupo	Reforço contingente ao comportamento de comer.	Grupo Heterogêneo (classe de IMC diferentes)

Fase 1 – Linha de Base I

A Linha de Base I teve o objetivo de registrar o comportamento de relatar e de alimentar dos participantes antes das manipulações das variáveis do estudo. Foram realizadas seis sessões iniciais.

Na primeira sessão do experimento, antes de a criança iniciar o período de alimentar, o experimentador entregou as quinze fotos referentes aos alimentos daquele dia e pediu para cada criança relacionar as fotos com os alimentos, na sala de comer. Este momento preliminar tinha como objetivo verificar se as crianças tinham a habilidade básica para o experimento, identificar o alimento com base na foto.

Depois deste momento, a criança recebeu a instrução sempre dada na sala de alimentação: “Você poderá comer o que quiser e poderá sair quando quiser, ou até eu dizer para parar e te chamar”.

Após o término desse período, a criança foi conduzida para outra sala ou para o fim do corredor, para o período de relatar. Assim que a criança entrava na sala, ou chegava ao fim do corredor, era convidada a sentar e o experimentador mostrava as quinze fotos,

uma por uma, e perguntava: “Vou mostrar algumas fotos e gostaria que você me dissesse qual destes alimentos você comeu hoje, na sala ao lado”.

O experimentador ouvia os relatos e não comentava nenhuma das respostas das crianças. Ao final de cada sessão, o experimentador agradecia a participação da criança e entregava-lhe as quinze fichas, que eram trocadas imediatamente pelos brindes.

Fase 2 – Reforço individual do relato de comer

Após a Linha de Base I, começaram as fases do experimento onde eram manipulados alguns aspectos previamente definidos. Esta fase foi composta de quatro sessões e o reforço foi contingente ao relato de comer. A criança após o momento de comer entrava na sala de relatar e respondia à seguinte questão do experimentador: “Vou mostrar algumas fotos e gostaria que você me dissesse qual destes alimentos você comeu hoje, na sala ao lado”.

A criança apenas recebia a aprovação e a ficha se relatasse que comeu, ou seja, independentemente do que a criança tivesse comido no período de alimentar, ela só recebia o reforço se dissesse que ingeriu o alimento. Os relatos negativos não recebiam conseqüências de aprovação nem de ficha. Sendo assim, se a criança tivesse tomado Coca-cola *light* e falasse que tomou, no período de relatar, ganhava o reforço. Mas, se uma criança não tivesse tomado Coca-cola *light* e relatasse que tomou, mesmo assim recebia o reforço. O período de relatar, nesta fase, era realizado individualmente.

Fase 3 – Reforço de relato de comer em grupo heterogêneo

Esta fase do experimento era composta de quatro sessões idênticas à fase anterior, com exceção de que os relatos eram realizados em grupos de crianças selecionadas de acordo com IMC acima do normal para a idade ou normal para a idade. Assim, nessa fase, cada sessão de relato era realizada com duas crianças com IMC acima da média para sua idade e com duas crianças com IMC adequado para sua idade.

Cada criança voltava para a sua sala de aula após o período de comer e só retornava à sala de relato quando solicitada pelo experimentador, assim que todas as crianças do seu grupo já tinham terminado de comer. Na sala de relato, o experimentador sentava de um lado da mesa e as crianças do outro lado da mesa, de modo que todas as crianças formavam um semicírculo do lado oposto da mesa em que o experimentador estava. Então, as crianças eram entrevistadas individualmente da esquerda para a direita. Após finalizar as quinze perguntas para a primeira criança, as mesmas eram feitas para a criança seguinte. Como antes, ao final da sessão, as crianças trocavam as fichas por brindes.

Fase 4 – Reforço de relato de comer em grupo homogêneo

Essa fase teve o mesmo delineamento da fase anterior, mas o grupo formado para o momento do relato era homogêneo, ou seja, as quatro crianças acima do peso formavam um grupo e, depois, as quatro crianças com peso adequado para a idade formavam outro grupo.

Fase 5 – Reforço de correspondência em grupo

Nessa fase, o relato era realizado com o grupo heterogêneo. O reforçamento era contingente ao relato correspondente ao comportamento ocorrido no período de comer. Cada relato correspondente de comer ou não comer produziria aprovação e uma ficha, ou seja, se a criança tivesse comido a maçã e relatasse que comeu a maçã, receberia uma ficha; ou, se não tivesse comido a maçã e relatasse que não comeu, também receberia uma ficha. Nessas duas situações, o comportamento da criança seria classificado como correspondente, de modo que a criança ganharia o reforço e a ficha.

No entanto, os relatos não correspondentes não eram conseqüenciados com fichas nem aprovação. Se a criança tivesse comido a maçã e relatasse que não comeu, ou não tivesse comido a maçã e relatasse que comeu, seu comportamento era classificado como não correspondente, de modo que ela não receberia o reforço nem a ficha.

Esta condição era a única em que o experimentador que entrevistava a criança sabia quais alimentos ela havia comido, de acordo com a transcrição das fichas de registro. Exceto pela modificação na contingência de reforço, os demais arranjos experimentais foram os mesmos da fase anterior.

Fase 6 – Linha de Base II

O procedimento realizado nessa fase final era semelhante à linha de base inicial, em que qualquer resposta da criança, correspondente ou não correspondente, não influenciava no número de fichas. A criança recebia as 15 fichas de modo não contingente, e as trocava por brindes antes da sessão de relato.

As fichas foram entregues de acordo com as contingências estabelecidas em cada fase do experimento. De um a cinco fichas, a criança poderia trocar por um brinde, de cinco a dez fichas, por dois brindes e com 15 fichas, poderia trocar por três brindes.

Resultados

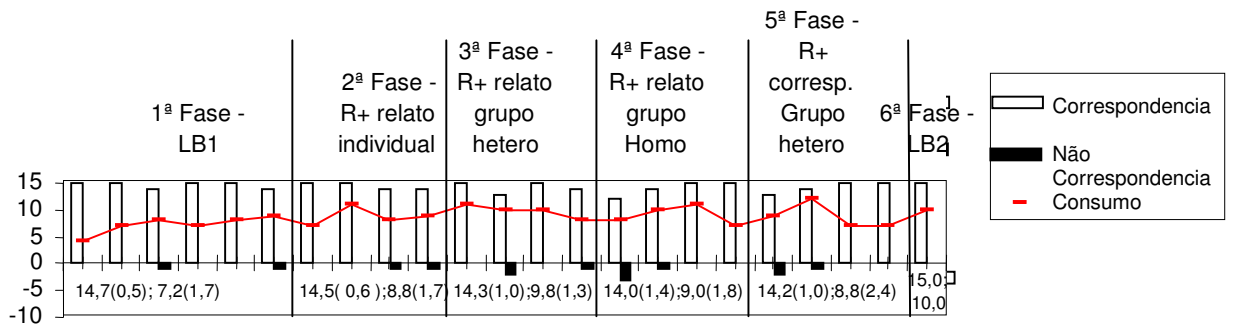
Este estudo teve como objetivo identificar o efeito das conseqüenciações das verbalizações relativas ao comportamento de comer (variável independente =VI), sobre a correspondência ou não deste relato com comportamento não verbal de comer em crianças com IMC acima e adequado para sua idade, bem como identificar os efeitos destas conseqüenciações sobre o consumo (variáveis dependentes = VD). Para atingir este objetivo geral, foram estabelecidos quatro objetivos específicos e os resultados terão dados individuais e depois grupais em função dos objetivos criados.

Análise Individual do Grupo A - Correspondência e Consumo

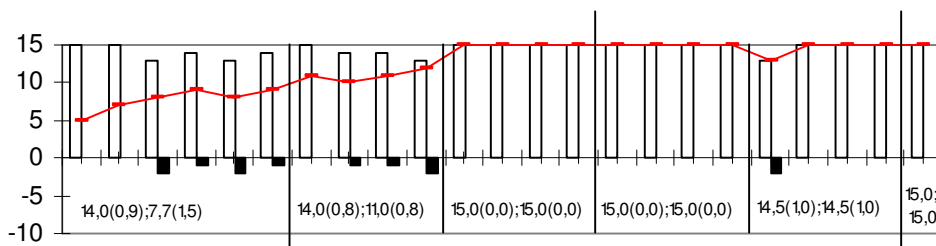
O primeiro objetivo específico era identificar o efeito do reforçamento das verbalizações afirmativas (i.e. “ingeri”) independente da correspondência com o comportamento não verbal de comer, em crianças com IMC acima e adequado para sua idade, sendo este relato obtido individualmente, sobre a correspondência entre o comportamento verbal e o comportamento não verbal e o número de alimentos consumidos. A Figura 1 mostra os números de respostas de correspondência, e não correspondências entre o comportamento de comer e relatar e o número de alimentos consumidos por cada criança do grupo A em cada sessão experimental. Os números abaixo das colunas são referentes ao relato correspondente e ao consumo, respectivamente, e entre parênteses estão os desvios padrões referentes ao número anterior a ele. Na comparação dos dados obtidos na Linha de Base 1 (LB1) com os da 2ª Fase percebe-se que o participante 1A apresentou padrões de comportamento semelhante, com altas taxas de correspondência entre o comportamento verbal e não verbal, nas duas Fases. Quanto ao consumo, o maior consumo do participante 1A, foi na

segunda sessão da 2ª Fase e o menor foi na 1ª sessão da 1ª Fase (LB1), indicando assim um leve aumento no número de alimentos consumidos na 2ª Fase.

1A

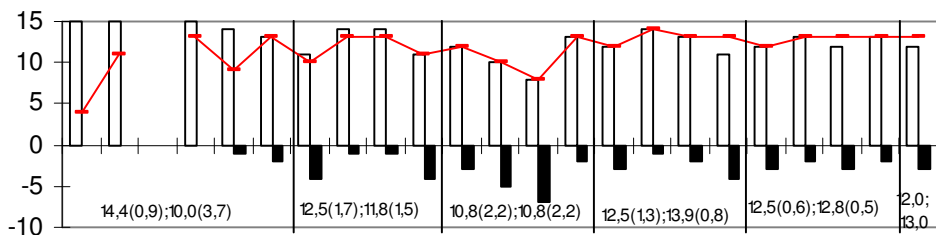


2A

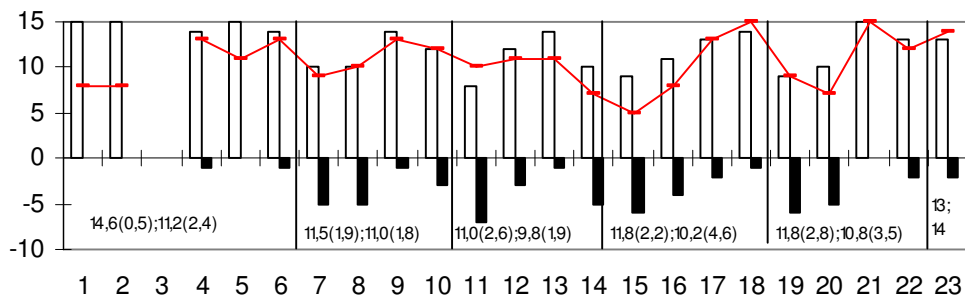


Nº de Respostas

3A



4A



Sessões

Figura 1 – Número de respostas de correspondência, e não correspondência entre o comportamento de comer e relatar e o número de alimentos consumidos por cada criança do grupo A em cada sessão experimental.

Os dados do sujeito 1A sugerem que as conseqüências das verbalizações afirmativas (i.e. “ingeri”) independente da correspondência entre o comportamento verbal e não verbal não teve impacto sobre o número de respostas de correspondência na 2ª Fase, quando comparados os dados da LB1 onde não foi manipulada tal variável, e onde o participante já apresentava, desde a primeira sessão alta taxa de correspondência entre o comportamento verbal e não verbal. Quanto ao consumo observamos um aumento no número de alimentos consumidos na 2ª Fase sugerindo que a manipulação desta variável, teve efeito reforçador sobre o número de alimentos consumidos (Vide Figura 1).

Os resultados do participante 1A, obtidos nas Fases posteriores retratam o mesmo padrão de responder acima relatado. Esses dados sugerem que em relação ao objetivo específico 2, que buscou identificar o efeito do reforçamento das verbalizações afirmativas relacionadas com o comportamento de comer independente da correspondência com o comportamento não verbal de comer, sendo este relato obtido em grupo heterogêneo (composto por crianças com IMC acima e adequado para sua idade); o objetivo específico 3 que também visava identificar o efeito do reforçamento das verbalizações independente de correspondência com o comportamento não verbal de comer, mas sendo este relato obtido em grupo homogêneo (composto por criança com IMC semelhante); e o objetivo específico 4 que buscou identificar o efeito do reforçamento das verbalizações correspondentes relacionadas com o comportamento de comer e com o comportamento não verbal de comer, sendo este relato obtido em grupo

heterogêneo, pode-se sugerir que as variáveis manipuladas não tiveram efeito sobre a correspondência entre o comportamento verbal e não verbal do participante 1 A (Figura 1).

Quanto ao consumo, comparando os dados da linha de base com a 2ª Fase observamos um pequeno aumento no número de alimentos ingeridos sugerindo o efeito das variáveis manipuladas nesta Fase. No entanto, considerando que o padrão obtido na 2ª Fase se manteve na 3ª e 4ª Fases, não se sabe se o resultado obtido no decorrer do experimento se refere as variáveis manipuladas nas Fases posteriores isoladamente ou se o efeito da variável manipulada na 2ª Fase se manteria independente das manipulações ocorridas na 3ª e 4ª Fases (Vide Figura 1).

Os dados do participante 2 A, apresentados na Figura 1, assim como os do participante 1 A não mostram mudanças quanto a correspondência entre o comportamento verbal e o comportamento não verbal quando comparamos a LB1 com a 2ª Fase. No entanto, um efeito pode ser observado a partir da 3ª Fase quando a correspondência aumenta, atingindo o ponto máximo e se mantêm até o final do experimento. O consumo de alimentos do participante 2A, teve um padrão crescente no decorrer do experimento, atingindo o ponto máximo na 3ª Fase e mantendo-se assim nas Fases posteriores.

Os resultados do participante 2A sugerem que a variável , relatar em grupo, teve um efeito sobre a correspondência e esse efeito se manteve nas condições posteriores não podendo assim afirmar se esse é um efeito cumulativo ou proveniente das variáveis específicas manipuladas na 4ª Fase. Em relação ao consumo, observamos um efeito crescente quanto ao número de alimentos ingeridos já nas primeiras sessões da linha de

base, sugerindo que as variáveis responsáveis por esse aumento não são as manipuladas nas 2ª, 3ª ou 4ª Fases deste experimento (Vide Figura 1).

No comportamento do participante 3A, observamos certa variabilidade, tanto em relação à correspondência entre o comportamento verbal e não verbal, quanto ao consumo de alimentos, principalmente na LB1 e na 2ª e 3ª Fases. sugerindo que as variáveis manipuladas nestas Fases não mostram seus efeitos sobre o comportamento de correspondência nem de consumo. No entanto, na 4ª e 5ª Fases observamos uma melhora nos níveis de correspondência e de consumo indicando possíveis efeitos das variáveis manipuladas nestas Fases, ou seja, o relatar em grupo heterogêneo e o reforçar somente os episódios de relatos correspondentes (Vide Figura 1).

Interessante notar, que as variações no desempenho deste participante, em termos de correspondência verbal, não verbal e em termos do consumo são praticamente idênticas a partir da 2ª Fase, ou seja, sempre que há uma maior correspondência há maior consumo, e vice-versa.

Os dados de relatos correspondentes do participante 4 A mostram variabilidade, durante todas as Fases experimentais e o número destes relatos foram maiores na 1ª Fase do experimento (LB1). O consumo deste participante também apresenta variabilidade em todas as Fases, indicando que nenhuma das variáveis manipuladas neste estudo teve influência destacada sobre as outras quanto a influenciar os comportamentos de comer e de relatar de modo correspondente (Vide Figura 1).

Observamos nesse caso (4A), assim como no caso do participante 3 A, uma correlação entre a variação no número de relatos correspondentes e o número de alimentos consumidos, durante quase todas as sessões experimentais, ou seja, aumento

do consumo e dos relatos de correspondências entre comportamento verbal e não verbal, ocorreram no mesmo momentos, na mesma sessão.

Análise Individual do Grupo B - Correspondência e Consumo

Com o objetivo de analisar os dados dos participantes do grupo B, a Figura 2, mostra que os dados do participante 1B, ao compararmos os da LB1 com os da 2ª e 3ª Fases do experimento percebe-se semelhanças, visto a variabilidade na verbalização correspondente nas 3 Fases (Figura 2).

Estes dados acima indicam que essas variáveis manipuladas não influenciaram o comportamento observado, padrão este também característico quando analisado o número de alimentos consumidos.

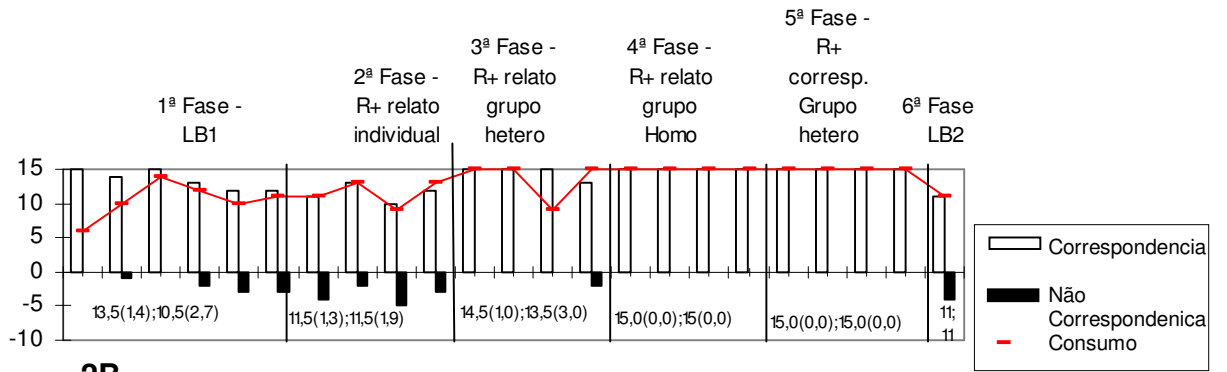
Na 4ª e 5ª Fases, tanto o consumo quanto o relato correspondente deste participante, atingiram o número máximo, indicando possível efeito das variáveis sobre o comportamento observado. Na LB2, ocorreu uma queda tanto nas respostas de consumo quanto nos relatos correspondentes, indicando assim o papel das variáveis manipuladas na 4ª e 5ª Fases (Vide Figura 2).

O participante 2B apresentou um número elevado de verbalizações de correspondência praticamente constantes em todo o experimento. Com relação ao consumo apresentou variabilidade não atingindo em nenhuma sessão o número máximo de consumo. Os dados de correspondência e consumo indicam que as variáveis manipuladas não influenciaram os comportamentos observados (Vide Figura 2) .

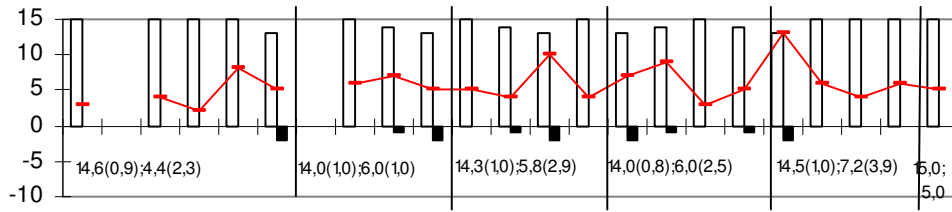
O participante 3B apresentou na LB1 correspondência quase total entre o comportamento verbal e o não verbal sendo esta a Fase com maior número de

correspondência quando comparada às demais. Na 3ª e 4ª Fases, esse número diminui mostrando o efeito da variável “relatar em grupo” tanto em grupo homogêneo quanto heterogêneo. Quanto ao consumo, observa-se maior variabilidade na 2ª e 3ª Fases, principalmente, indicando neste caso também, possível efeito da variável “relatar em grupo” (Vide Figura 2).

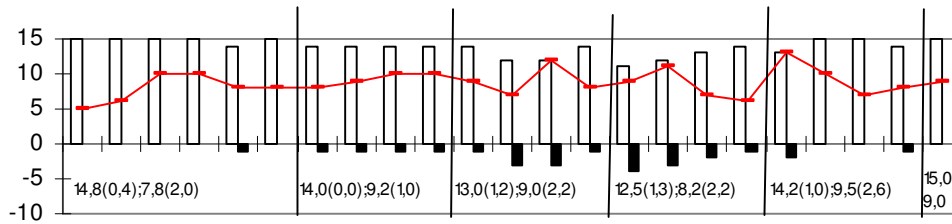
1B



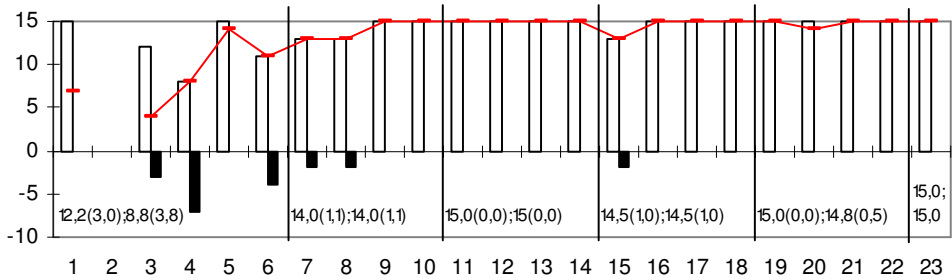
2B



3B



4B



Nº de Respostas

Sessões

Figura 2 – Número de respostas de correspondência, e não correspondências entre o comportamento de comer e relatar e o número de alimentos consumidos por cada criança do grupo B em cada sessão experimental.

Os dados do participante 4B mostram mudanças quanto à correspondência entre o comportamento verbal e o comportamento não verbal quando comparamos a LB1 com as demais Fases do experimento, observando que a correspondência aumenta, a partir da 2ª Fase, atingindo o ponto máximo na 3ª Fase e se mantendo até o final do experimento. O consumo de alimentos do participante 4B demonstra um padrão crescente no decorrer do experimento, atingindo também o ponto máximo na 3ª Fase e mantendo-se assim nas Fases posteriores (Vide Figura 2).

Os resultados do participante 4B sugerem que a variável manipulada na 2ª Fase, quando o relato “ingeri” é consequenciado independente da correspondência, teve um efeito sobre a correspondência e esse efeito se manteve nas condições posteriores não podendo assim afirmar se esse é um efeito cumulativo ou proveniente das variáveis específicas manipuladas nas demais Fases. Em relação ao consumo, observamos um efeito crescente quanto ao número de alimentos ingeridos já na linha de base, sugerindo que as variáveis responsáveis por esse aumento não são as manipuladas nas Fases 2, 3 ou 4 deste experimento.

Outra relação percebida nos dados deste participante foi a aproximação entre os dados de consumo e de relatos correspondentes, pois as taxas destes estavam sempre muito próximas, indicando uma possível relação entre estas duas variáveis.

Analise Grupal- Correspondência e Consumo

Os dados foram submetidos ao teste de Analise de Variância (ANOVA) com medidas repetidas, devido ao fato de serem comparações de mais de três médias do mesmo participante (Dancey, 2006). Após a identificação de diferenças significativas foi utilizado, quando necessário o teste *Least Significant Difference* (LSD), para detectar os grupos específicos que apresentaram diferenças.

Os primeiros dados a serem analisados foram os de relato de correspondência. A Tabela 1, situada na próxima página, mostra as médias e o Desvio Padrão dos Grupos em cada uma das Fases do Experimento.

A Fase em que o grupo A mostrou maior correspondência foi a Linha de Base 1(LB 1) com 14,4 de relatos correspondentes e o desvio padrão igual a 0,3. A Fase de menor relato de correspondência foi a segunda com 12,8 de média e 12,9 de desvio padrão. De modo geral o grupo A apresentou 13,4 de médias de relatos correspondentes e o desvio padrão foi 0,6.

Tabela 1- Média e Desvio Padrão (entre parênteses) das respostas de correspondências verbal x não verbal dos grupos A e B

Fase	Média das Respostas dos Grupos	
	A	B
LB 1	14,4 (0,3)	13,8 (1,2)
1	13,1 (1,4)	13,4 (1,2)
2	12,8 (12,9)	14,2 (0,9)
3	13,3 (1,5)	14,0 (1,1)
4	13,2 (1,3)	14,7 (0,7)
LB 2	13,8 (1,5)	14,0 (2,0)
Total	13,4 (0,6)	14,0 (0,4)

O grupo B apresentou relatos de correspondências mais homogêneas, sendo o desvio padrão 0,4 e a média geral 14,0. A Fase em que os participante deste grupo foram mais coerentes foi a quarta Fase e a de menor taxa de correspondência foi a primeira Fase.

O resultado da ANOVA demonstrou que o efeito principal do grupo não foi significativo, $F(1,6)=0,74$, ms. Pode se dizer que as médias de respostas correspondentes dos dois grupos foram semelhantes. Os dois grupos mantiveram o mesmo padrão de respostas. A diferença do IMC não influenciou as respostas de correspondência. Como não foram observadas diferenças significativas, não foi necessário outro teste.

O efeito principal da manipulação do reforço artificial (fichas que depois seriam trocadas por brinquedos) não foi significativo para o comportamento de relatar de forma correspondente, $F(5,30)=0,72$, ms. Sendo assim, as diferentes consequenciações não influenciou os relatos correspondentes.

Os dados apresentados mostram que os diferentes arranjos para consequenciar as verbalizações após o momento de relatar, não influenciou o número de relatos correspondentes de forma significativa. Os participantes mantiveram o padrão de comportamento de relatar constante nas varias Fases experimentais.

O segundo dado analisado foi o consumo dos participantes. A tabela 2 mostra a média do consumo e o desvio padrão dos dois grupos.

Tabela 2- Média e Desvio Padrão das respostas de consumo dos grupos A e B

Fases	Média das respostas dos Grupos	
	A	B
LB 1	8,9 (1,7)	7,9 (2,6)
2	10,6 (1,3)	10,6 (3,4)
3	11,3 (2,6)	10,9 (4,2)
4	11,8 (2,7)	10,9 (4,5)
5	11,7 (2,5)	11,6 (3,9)
LB 2	13 (2,2)	10 (3,9)
Total	11,2 (1,4)	10,3 (1,3)

A Tabela 2 mostra que o grupo A e o grupo B apresentaram poucas diferenças quando observadas as médias totais. Os dois grupos apresentaram mesmo padrão de comportamento crescente no decorrer das Fases do experimento.

O grupo A obteve na Linha de Base 2 o maior consumo de alimento e o grupo B na Fase 5. O menor consumo para o grupo A e para o B foram na mesma Fase, na Linha de Base 1.

O teste ANOVA foi realizado com estes dados de consumo e percebeu-se que o efeito principal do grupo não foi significativo, $F(1,6) = 0,3$, ms. Não foi detectada diferenças entre as respostas de consumo do grupo com o IMC adequado para sua idade e com o IMC acima do esperado.

O efeito principal de manipulação da consequência foi significativa para o comportamento de consumo, $F(5,30) = 6,63$, $p > 0,001$, $\eta^2_{\text{partil}} = 0,52$. Sendo assim, as diferentes Fases do experimento influenciaram na taxa de consumo dos participantes.

Com a finalidade de identificar qual das Fases apresentou diferenças significativas quando comparada com a LB 1, foi utilizado o teste LSD. Para que as comparações apresentem diferenças significativas o nível de probabilidade deve ser o menor possível de 0,05.

De acordo com os dados, os participantes sofreram influencia significativa das variáveis independentes: consequenciação dos relatos afirmativos oferecidos individualmente. A diferenças entre as médias da LB1 e da 1ª Fase do experimento foi 2,035 e o nível de probabilidade igual a 0,012.

A comparação entre a LB1 e a 2ª Fase também demonstrou diferença significativa, visto que a diferenças entre as médias de consumo dos participantes atingiu 2,692 e o nível de probabilidade 0,044. Sendo assim, a consequenciação, do relato afirmativo relacionado ao comportamento anterior de comer, em grupo heterogêneo, influenciou o comportamento de comer.

O reforço do relato afirmativo do comportamento de comer em grupo homogêneo, também se mostrou influenciar o comportamento de consumo. A diferença das médias da LB1 e da 3ª Fase foi de 3,004 e o nível de probabilidade é 0,025.

Na comparação realizada entre a LB1 e a 4ª Fase, obteve-se 3,285 como diferenças das médias e 0,009 como nível de probabilidade, demonstrando assim que a consequenciação influenciou significativamente consumo dos participantes.

A diferença entre as médias da LB1 e LB2 foi de 3,129 e o nível de probabilidade 0,011. Devido a isto pode se dizer que as variáveis manipuladas no experimento influenciaram o consumo dos participantes.

A segunda parte do objetivo deste estudo, referente a influencia dos reforços artificiais no consumo é contemplado com estes dados. A influência das variáveis experimentais foi significativa nas respostas de consumo dos participantes, contudo os dados não apresentaram diferenças significativas entre os grupos, nem nos relatos de correspondência, nem no comportamento de comer.

DISCUSSÃO

De acordo com os resultados apresentados, as variáveis manipuladas não provocaram mudanças significativas nos relatos correspondentes destes participantes. As variáveis manipuladas foram: reforço (fichas que seriam trocadas por brindes) dado quando as crianças respondiam de **forma positiva**, isto é, diziam “ingeri”, “bebi” ou “comi” às perguntas sobre a **ingestão de alimentos**, sendo que estas perguntas foram feitas em diferentes situações, tais como **individualmente**, em **grupo homogêneo** e em **grupo heterogêneo**. Em uma outra condição experimental, o reforço era dado quando as respostas verbais das crianças eram **correspondentes** ao comportamento não verbal. Nesta condição, as perguntas foram realizadas em **grupo heterogêneo**.

É importante ressaltar que o comportamento de comer diário, possui reforço natural, tais como: gosto, saciedade dentre outros. Contudo, neste experimento o mesmo comportamento, comer, passou a ter reforço arbitrário, e este fator influenciou a manifestação deste comportamento.

Os relatos referentes aos comportamentos não verbais desde 1ª Fase (LB1) atingiram altos índices de correspondências e mantiveram o padrão nas diferentes fases do experimento, para todos os participantes.

De acordo com os testes estatísticos aplicados, nos dados gerais dos grupos A e B, não houve diferenças significativas dos dados, confirmando que as manipulações do reforço não indicam efeitos significativos nas interações entre o comportamento verbal e não verbal. Os grupos mantiveram o padrão de comportamento de relatar constante nas

diferentes fases do experimento, ou seja, demonstraram correspondência entre o comportamento verbal e o não verbal.

As altas taxas de correspondência entre o dizer e o fazer, em crianças de 3 a 5 anos de idade, também foi observado no estudo realizado por Ribeiro (1989). Na linha de base, das oito crianças, seis relataram de forma correspondente a todas as questões feitas pelo experimentador. Uma relatou de forma não correspondente apenas uma vez e a outra criança respondeu a duas questões de forma não correspondente. Também no presente estudo, este dado mostrou-se verdadeiro, pois foi observado alto índice de acurácia dos relatos antes mesmo dos treinos e em diferentes contextos ambientais: relato individual, em grupo homogêneo e em grupo heterogêneo.

No entanto, as crianças apresentaram no estudo de Ribeiro (1989) altos índices de correspondência na LB1 e nas diferentes formas de reforços, mas os relatos verbais foram modificando sua função, de tato para mando, levando à não correspondência. Mudanças estas não foram observadas nesse estudo.

Como foi relatado por Ribeiro (1989), em uma das sessões em que o reforço era dado para as respostas positivas das crianças, quando o experimentador perguntou sobre os brinquedos que havia usado, uma das crianças chegou a falar para outra para dizer sempre que tinha brincado, independente de ser ou não verdade. Estes dados mostraram que o procedimento usado fez com que o comportamento verbal deixasse de ter função de tato e adquirisse a função de mando.

Pesquisas realizadas com adultos, no entanto, não apontaram para a mesma direção que os dados do presente estudo e os de Ribeiro (1989). As pesquisas realizadas por Salvo e Gimeno (2002) e por Drummond (1998), que utilizavam várias técnicas de

inquérito alimentar, apuraram que havia subestimação nos relatos de consumo tanto de mulheres quanto de homens adultos.

Andrade et al (2003), ao pesquisar adolescentes, também percebeu indicações de subestimação dos relatos de consumo. Sendo assim, as pesquisas realizadas com adolescentes e adultos indicam uma maior frequência de comportamento não correspondente entre verbal e não-verbal, relacionado com alimentação.

Os achados deste experimento destacam a necessidade de outras pesquisas, utilizando o procedimento analítico comportamental para análise de correspondência, para confirmar se os relatos relacionados com o comportamento de alimentar variam de acordo com as faixas etárias.

Um aspecto relevante do presente experimento foi o comportamento do participante 3A, que adotou um comportamento diferente dos outros participantes no momento de se alimentar. A partir da segunda sessão da segunda fase, em que o reforço era oferecido quando a criança respondia “sim” à pergunta sobre a ingestão de alimento, até a última sessão da sexta fase, o participante jogava alguns alimentos debaixo da mesa e para fora da janela da sala de alimentar. Essa ação foi flagrada pela câmera que estava escondida na sala de alimentação. No período de relatar, o participante falava que tinha comido aqueles alimentos que muitas vezes foram descartados sem serem experimentados.

Este comportamento alternativo do Participante 3A pode ser mais bem entendido quando relacionado com a teoria que diferencia tato e mando, como Ribeiro (1989) bem ressaltou a importância destes conceitos com o treino de correspondência. O presente experimento requeria, formalmente, que os participantes descrevessem o que fizeram na sala de alimentação, pois perguntava se a criança tinha ingerido o alimento mostrado,

sendo então pedido ao participante que emitisse o comportamento de tatear. Contudo, quando a verbalização afirmativa às perguntas sobre o alimento consumido era reforçado independentemente do que tinha feito, esta consequência poderia aumentar a frequência do comportamento de dizer o que comeu e então os tatos não seriam mais reforçados, aumentando assim a probabilidade de emissão de respostas com função de mandos, já que esta possibilitavam o reforço. Desta forma, a resposta afirmativa tinha a função da fala “me dê o brinde”.

Estas verbalizações podem, conseqüentemente, também ter influenciado o comportamento de esconder a comida, pois para não ser descoberto, o participante escondia a comida e poderia então relatar de forma correspondente, recebendo assim o reforço. De acordo com os relatos do experimento feitos por Lovaas (1964), o que uma pessoa diz sobre uma resposta verbal pode controlar sua resposta verbal e ainda algumas respostas não verbais.

Esta influência foi pesquisada por Lovaas (1961, apud Lovaas, 1964), que reforçava os comportamentos verbais agressivos e, como consequência, observou-se um aumento dos comportamentos não verbais de agressividade. Sendo assim, o comportamento do participante 3A corrobora a idéia de que o comportamento verbal pode influenciar o comportamento não verbal relacionado não só no caso do comportamento agressivo, mas também no caso do comportamento de comer.

Outra pesquisa realizada por Lovaas (1964) também demonstrou que quando a verbalização do nome de um determinado alimento é reforçado, o consumo deste alimento tende a aumentar. Mesmo assim, apesar do presente experimento não ter se focalizado no reforço de nenhum alimento específico, a condição em que a resposta

afirmativa era reforçada independentemente da correspondência verbal ou não verbal parece ter provocado o aumento do comportamento de esconder a comida por parte da criança acima citada.

Com relação ao consumo, com exceção do participante 4A, todos os outros participantes aumentaram o consumo a partir da segunda fase do experimento. Ao comparar os dados de consumo de todos os sujeitos em todas as fases com os dados da LB1, o menor consumo ocorreu nesta primeira fase. O participante 4A, contudo, obteve o maior consumo na LB2 e o segundo maior consumo na LB1.

O aumento do consumo por parte da maioria dos participantes aponta para o efeito das variáveis manipuladas sem, no entanto, possibilitar afirmar qual a variável específica exerceu este efeito (Catania, 1999; Horcones, 1992). Considerando que apenas um participante teve consumo maior na LB1 do que nas outras condições, pode-se sugerir que a manipulação das variáveis deste experimento influenciaram o comportamento não verbal de consumir.

Na análise grupal, as diferenças entre as respostas de consumo foram significativas, indicando que as variáveis manipuladas no estudo podem ter influenciado o consumo das crianças, ou seja, os dados grupais mostraram mudanças significativas no consumo das crianças, independentes do grupo e da fase experimental.

Essa diferença também pode ser discutida à luz dos dados de Loovas (1964), que percebeu a influência do comportamento verbal sobre o comportamento não verbal. Ou seja, de forma geral, o reforço à resposta “ingeri” pode ter influenciado o consumo dos participantes.

Uma proposta para trabalhos futuros seria investigar o aumento do número de sessões em cada condição para tornar mais claro o efeito das variáveis observadas. Outra proposta de pesquisas futuras trata da aplicação deste procedimento em um mesmo grupo, mas em ordem diferente, pois proporcionaria uma maior compreensão do efeito das variáveis manipuladas. Ainda um possível teste seria acrescentar uma condição experimental contendo um momento de pergunta com grupo homogêneo e individual onde seriam reforçados o relato correspondente entre o comportamento verbal e não verbal. Como apontado por Lovaas (1964) e mais tarde por Baer (1987), a relação entre comportamento verbal e não verbal ainda é pouco pesquisada e, conseqüentemente, suas ações e contribuições são pouco conhecidas. Para eles, os dados individuais obtidos mostram que o treino do comportamento verbal poderá possibilitar uma alteração no comportamento não verbal.

Os dados do presente estudo não possibilitam endossar essa afirmativa quando analisamos os aspectos de correspondência, visto que as manipulações verbais não provocaram mudanças no padrão não verbal. No entanto, os dados relacionados ao número de alimentos consumidos sugerem que manipulações verbais podem sim alterar as taxas de alimentos consumidos.

A presente pesquisa, não apresentou limite máximo de alimentos que cada criança poderia consumir por sessão, como no método utilizado por Ribeiro (1989). Esta mudança metodológica pode explicar as diferenças encontradas entre este trabalho e o de Ribeiro.

Visto que a obesidade é um dos temas de interesse mundial (Ades e Kerbay, 2002) e envolve o comportamento não verbal de alimentar, a análise dos efeitos do

comportamento verbal sobre o comportamento não verbal pode trazer muitos benefícios para a compreensão do comportamento alimentar e para a possível influência deste comportamento sobre ele.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICA

- Andrade, R. G.; Pereira, R. A.; Sichieri, R. (2003). Consumo alimentar de adolescentes com e sem sobrepeso do Município do Rio de Janeiro. *Caderno Saúde Pública*. 19(5), 1485-1495. Recuperado em 09 de outubro de 2006, de <<http://www.scielo.org>>.
- Ades, L.; Kerbauy, R. R. (2002). Obesidade: realidades e indagações. *Psicologia USP*. 13 (1). Recuperado em 31 de Maio de 2007, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010365642002000100010&lng=pt&nrm=iso>.
- Arruda, R. T. C. A Obesidade Mórbida e a Psicologia. Em: M. Z. S. Brandão; F. C. S. Conte; F. S. Brandão; Y. K. Ingberman; C. B. Moura (Orgs.). (2003). *Sobre o comportamento e Cognição, pesquisa e aplicação*. 12, 333-342. 1ªed. Santo André, SP: ESEtec Editores Associados.
- Baer, R. A.; Dentrick, R.; Stokes, T. F. (1987). Using intermittent reinforcement to program maintenance of verbal - nonverbal correspondence. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 20,179-184.
- Beckert, M. (2005). Correspondência verbal / não-verbal: pesquisa básica e aplicações na clínica. Em: J. Abreu-Rodrigues; M. R. Ribeiro. (Orgs.). Em: *Análise do comportamento: Pesquisa, teoria e aplicação*. Porto Alegre: Artmed.
- Beckert, M. Correspondência quando o objetivo Terapêutico é o ‘digo o que faço e faço o que digo’. Em: H. J. Guilhard (Org.). (2002). *Comportamento e cognição: contribuição para a construção da teoria do comportamento*. 10, 183-193. 1ª Ed. Santo André, SP: ESEtec Editores Associados.
- Catania, A. C.; Matthews, B. A.; Shimoff, E. (1982). Instructed versus shaped human verbal behavior: Interactions with nonverbal responding. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 38, 233-248.
- Catania A. C. (1999). *Aprendizagem: comportamento , linguagem e cognição*. Artes Médicas Sul. Porto Alegre.
- Coitinho, D. C.; Leão, M. M.; Recine, E.; Sichieri, R. (1991). *Condições nutricionais da população brasileira: adultos e idosos*. Brasília: Ministério da Saúde; 39.
- Classificação dos Transtornos Mentais e de Comportamento da CID- 10. Descrições Clínicas e Diretrizes Diagnósticas. (1993). Porto Alegre – Artes Médicas.
- Dyer, R.G. (1994). Traditional treatment of obesity: does it work? *Bailier's Clinical Endocrinology and metabolism*, 6 (3), 661-688.

- Damiani, D.; Carvalho, D. P.; Oliveira, R. G. (2002). Obesidade. Em: Setian N. *Endocrinologia pediátrica*. 567-582. 2ª ed. São Paulo: Sarvier.
- de Mello, E. D.; Luft, V. C.; Meyer, F. (2004). Obesidade Infantil: como podemos ser eficazes? Em: *Jornal de Pediatria*. 80 (3); 173-182.
- de Rose, J. C. (1982). Consciência e Propósito no Behaviorismo Radical. Em: B. Prado Jr., (Org.). *Filosofia e Comportamento*. 67-91. São Paulo: Brasiliense.
- _____. (1997). O Que é Comportamento? Análise do Comportamento e Terapia Cognitiva. Em: *Sobre Comportamento e Cognição*. Vol. 1: Aspectos Teóricos, Metodológicos e de Formação. 1 ed. São Paulo: ARBYTES, p. 79-81.
- Dobrow, I. J.; Kamenetz, C.; Devlin, Michael J. (2002). Aspectos psiquiátricos da obesidade. Em: *Rev. Bras. Psiquiatria*, 24 (3) , 63-67.
- Drummond, S. E.; Crombie, N. E.; Cursister, M. C.; Kirk T. R. (1998). Evidence hat eating frequency is inversely related to body wigt status in male, but not female, non-obese adults reporting valid dietary intakes. *International Journal of Obesity*. 22, 105 - 112.
- Halpern, Z.; Rodrigues, M. D. B. (2006). Obesidade Infantil. Em: M. A. Nunes (et al). *Transtornos alimentares e Obesidade*, 2. ed. Porto Alegre: ArtMed, 283-288.
- Hayes, S. C.; Brownstein, A. J.; Zettle, R. D.; Rosenfarb, Y.; Korn, Z. (1986). Rule-Governed behavior sensitivity to chancing consequences of responding. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 45(3), 237-256.
- Herruzo, J.; Luciano, M. C. (1994). Procedimientos para establecer la “correspondencia decir-hacer”. Un análisis de sus elementos y problemas pendientes. *Acta Comportamentalia*, 2, 192-218.
- Loovas, O. I. (1964). Control of Food Intake in Children by Reinforcement of Relevant Verbal Behavior. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 68(6), 672-678.
- Oliveira, V. C. de B. (2001). Um Estudo Descritivo e Exploratório do Comportamento de Comer em Pessoas Obesas. Dissertação. Universidade Católica de Goiás, Goiânia.
- Organização Mundial de Saúde (1993). Classificação dos Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10. Descrições Clínicas e Diretrizes Diagnósticos. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Paniagua, F. A.; Baer, D. M. (1982). The analysis of correspondence training as a chain reinforceable at any point. *Child development*, 53, 786-798.

- Vecchia, V. D. (2002). Obesidade Mórbida – Aspectos Clínicos. Em: H. J. Guilhard. (Org.). *Sobre o Comportamento e Cognição: Contribuições para a Construção da Teoria do comportamento*. 1. ed. Santo André, SP: ESEtec Editores Associados, 10, 356-360.
- Ribeiro, A. F. (1989). Correspondence in Children's self-report: tacting and manding aspects. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 51, 361-367.
- Risley, T. R.; Hart, B. (1968). Developing correspondence between the nonverbal and verbal behavior on preschool children. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 1, 267-281.
- Salvo, V. L. M. A.; Gimeno, S. G. A. (2002). Reprodutibilidade e validade do questionário de frequência de consumo de alimento. *Revista de Saúde Pública*, 36(4). 505-512.
- Simonassi, L. E.; Borges, L. M.; Gonçalves, S. A. (1990). Relações entre comportamento independente do esquema e instruções no comportamento operante humano. *Estudos*, 17, 121-132.
- Souza, R. F.; Heller, D. C.; Anjos, M. C.; Aguirre, A. N. Comportamento Alimentar: Influência Materna na Obesidade Infantil. Em: M. Z. S. Brandão, F. C. S. Conte, F. S. Brandão, Y. K. Ingberman; C.B. Moura (Orgs.). (2003). *Sobre Comportamento e Cognição*, 12, 435-444. Santo André, SP. Ed. ESEtec. Editores Associados.
- _____. (2004). Relação entre autoconceito, ansiedade e obesidade em criança. Em: M. Z. S. Brandão; F. C. S. Conte; F. S. Brandão; Y. K. Ingberman; C.B. Moura (Orgs.). (2004). *Sobre Comportamento e Cognição*, 14, 229-234. Santo André, SP. Ed. ESEtec. Editores Associados.
- Skinner, B. F. (1974). *Sobre o Behaviorismo*. Trad. Maria da Penha Villalobos. São Paulo: Cultrix.
- _____. (1978). *Ciência e Comportamento Humano*. Trad. João Cláudio Todorov, Rodolpho Azzi. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Sundberg, M. L.; Michael, J., Partington, J. W.; Sundberg, C. A. (1996). The role of automatic reinforcement in early language acquisition. *The Analysis of Verbal Behavior*, 13, 21-37.
- Tourinho, E. Z. (1994). *Behaviorismo radical, representacionismo e pragmatismo: uma discussão epistemológica do pensamento de B. F. Skinner*. São Paulo. Tese (Doutorado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

-Yoon, S.; Bennett, G. M. (2000). The effects of stimulus–stimulus pairing procedure on conditioning vocal sounds as reinforcers. *The Analysis of Verbal Behavior*, 17, 75-88.

APÊNDICES

APENDICE I

Autorização dos pais para a participação no estudo

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO

Seu filho está sendo convidado para participar, como voluntário (a), em uma pesquisa que estudará se existe relação entre o que a criança diz que vai comer e realmente come.

Neste estudo seu filho será levado a uma sala onde terá uma mesa com diversas variedades de comida. Estas comidas serão escolhidas pelos responsáveis pela pesquisa e oferecidas somente após a aprovação dos pais. Depois que seu filho comer, perguntaremos o que ele comeu, para verificar algumas coisas como a forma que as crianças lembram sobre a comida e se a maneira como falam sobre a comida afeta o modo como eles comem.

Este estudo terá duração de um mês e será realizado todos os dias da semana, cerca de 20 minutos para cada criança. Os dados encontrados serão divulgados, mas serão mantidas em sigilo as identidades dos participantes. A qualquer momento você poderá retirar a participação de seu filho deste estudo, sem nenhum ônus para você e sua família.

As crianças serão filmadas durante o estudo para obtermos uma maior confiabilidade dos dados da pesquisa. Contudo, as informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre participação de seu filho.

Eventuais problemas de saúde identificados como decorrência da ingestão de qualquer um dos alimentos oferecidos neste experimento, serão assistidos por uma médica pediatra que estará acompanhando este estudo.

Se você autoriza que seu filho (a) participe do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Você pode recusar se quiser. Caso seu filho não queira, não o obrigue a participar, a participação dele deve ser de livre escolha. Ninguém será penalizado por não querer participar.

Em caso de dúvida você poder procurar a aluna do Mestrado em Psicologia da Universidade Católica de Goiás, Juliana Soares Dias, responsável pela execução deste estudo ou a Prof^a Dr^a Sônia Maria Mello Neves, orientadora e coordenadora do projeto de pesquisa, intitulado "Análise da correspondência entre o comportamento alimentar e o relatar em crianças"

Telefones para contato: (62) 84232823 ou 99792437

Juliana Soares Dias

Sônia Maria Mello Neves

APENDICE II

Questionário respondido pelos pais e ou responsáveis

Universidade Católica de Goiás
Departamento de Psicologia
Mestrado em Psicologia

Questões sobre seu filho:

- 1) Nome: _____
- 2) Idade: _____
- 3) Peso: _____
- 4) Altura: _____
- 5) Seu filho esta fazendo alguma dieta alimentar?

- 6) Dentre estes alimentos há algum que seu filho não pode ingerir?

Laticínio:

- Todinho, yakult, leite, iogurte (pastoso e liquido), polenquinho, queijo,
 leite com café, qualhada, queijo prato.

Doces:

- Sorvete creme, Sorvete chocolate, bombom (sonho de valsa), cristalizado goiaba,
 cristalizado figo, docinho brigadeiro, docinho doce de leite, pé de moleque,
 cocada, balinha.

Salgados:

- Pizza (presento e queijo), salgado empada, salgado coxinha, salgado quibe,
 Skinny - batatinha, fandangos, pão francês com manteiga, misto quente,
 cachorro quente

Bebida :

- coca-cola normal, coca-cola light, guaraná normal, guaraná light, fanta,
 suco laranja, suco maça, suco uva, suco maracujá), água.

Frutas:

- abacaxi, maça, banana, mamão, manga, pêra, uva, goiaba,
 laranja, *salada de frutas*

APENDICE III

Folhas de Registro da Correspondência entre a Foto e o Alimento

Universidade Católica de Goiás
 Mestrado em Psicologia
 Mestranda: Juliana Soares Dias
 Orientadora: Sônia Maria Mello Neves
 Ficha de Registro _____
 Fase: _____

Observador: _____

Data: _____ Início: _____ Fim: _____

Procedimento: Relacionar a foto com o alimento.

Instrução: “ Coloque a foto do alimento perto do prato de comida que está com o mesmo alimento”.

Alimento	1A	2A	3A	4A	1B	2B	3B	4B
Leite								
Yakult								
Iogurte Pastoso								
Bombom								
Sorvete Creme								
Fico cristalizado								
Pizza								
Empada								
Fandangos								
Água								
Coca cola L								
Suco Laranja								
Salada								
Maça								
Banana								

APENDICE IV
Folhas de Registro

Universidade Católica de Goiás
Mestrado em Psicologia
Mestranda: Juliana Soares Dias
Orientadora: Sônia Mello Neves

Ficha de Registro _____
Fase : _____

Nome: _____ Observador: _____

Data: _____ Início: _____ Fim: _____

Procedimento: _____
Instrução: _____

Participantes/ Alimentos	1 a	2 a	3 a	4 a	1 b	2 b	3 b	4 b
Leite								
Yakult								
II. past.								
Bombom								
Sor.Cre								
Figo cri								
Pizza								
Empada								
Fandan								
Água								
Coca L								
s. laran								
Salada								
Maça								
Banana								

APENDICE V

Fotos dos Alimentos Oferecidos



ANEXO

